

ENSAIOS

BR

# PHILOSOPHIA ACTUAL

POR

**Manel A. Ferreira-Destado**

*Diplomado pelo Curso Superior de Lettras de Lisboa  
Professor de Philosophia*



**LISBOA**  
TYPOGRAPHIA DE EDUARDO ROZA  
150, R. N. da Palma, 154  
1888

Aos meus muito preados mestres  
nas disciplinas de Philosophia do Curso Superior de Letras  
os Exmos Srs.

*José Maria & Simão João*

Offerce como sincero testemunho de respeitosa estima e de profundo reconhecimento

*Manuel O. Ferreira-Daudado*

## ADVERTÉNCIA

Este modesto opúsculo compila uma série de artigos sobre assuntos filosóficos que já foram, na quasi totalidade, insertos, durante estes últimos três anos em a nossa publicação periódica *Revista de Educação e Ensino*. O motivo que impeliu o nosso espírito a coordenar em pequeno volume estes fragmentos de actividade mental foi unicamente o sentimento, que leva o crente a evangelizar por toda a parte, o que elle intimamente supõe ser a verdade. Os magros capítulos de que se compõe esta obra, se é lícito dar-lhe este nome, nasceram da estudo continuado que temos feito dos bellos e fecundos trabalhos da Psychologia moderna.

Na occasião em que no Conselho Superior de Instrução Pública, como membro,

collaboramos na redacção do programma vigente de *Philosophia* para o ensino secundario, contribuimos para que elle tivesse uma orientação profundamente nova e de harmonia com o estado actual da scien- cia. Na verdade a sua diferença dos pro- grammas anteriores é tão extraordinaria, que os compendios portuguezes, vasados n'aquelle moldes não satisfazem de modo algum ao espirito que o caracterisa. Os nossos deveres de professor impunham-nos quotidianamente o encargo de reme- diar na preleccão essas lacunas, as quaes se encontram preenchidas, bem ou mal, com as idéas exaradas n'este trabalho.

A *philosophia* critica contemporanea ou doutrina do *neo-kantismo* foi a luz que sobretudo nos guiou na elaboração d'es- te exiguo producto; o seu conteúdo é até certo ponto, como que a expressão da nossa modalidade intellectual. Os profun- dos e brillantes pensadores, que teim lu- minosamente erguido o formoso estan- darte d'esta sublimada doutrina avassal- lam e encantam o nosso espirito, seguindo pois é para o proselyto uma fel- cidade e um dever.

Processos da scienzia psychologica. O metodo introspectivo, o metodo experimental. — A autonomia da scienzia do espi-rito. — Relações entre a natureza psychologica e physiologica do homem. — As localizações cerebrais.

Para expôr os principios que dominam uma dada scienzia, é mister indicar os methodos especiais que a logica conser- lha na investigação dos phenomenos que lhe dizem respeito. Segundo a opinião de A. Bain, examada na sua grande obra a *Lógica*, a psychologia liga importancia especial à analyse elementar dos pheno- menos. E so efectivamente, uma rigorosa analyse elementar que pode servir de base as leis geraes. O seu valor provém dum seguro conhecimento das menores circunstancias que acompanham o facto, como depositáremos.

O methodo é um plano que o espirito traça e impõe a si mesmo para se dirigir na investigação da verdade. As sciencias empregam todos os meios de investigação que lhes oferece a constituição do nosso espirito; no entanto não pôde negar se que cada scienzia tem o seu methodo particular. Quanto mais possível é a experimentação, menos necessaria é a descripción; assim o processo descriptivo é já pouco usado na physica e na chimica, em quanto que é ainda o principal na biologia e na sociologia. Os methodos, considerados essenciais á vida da scienzia, são a inducção e a deducção, e tem sido comparados ás duas phases cardíacas — a systole e a diastole, das quais evidentemente ninguém poderia fazer funcionar uma isoladamente, ainda que durante um instante. Os methodos especiais usados em psychologia dão a esta scienzia um carácter particular.

Um facto ao qual é preciso dar toda a importância que merece, é que a organização psychica é a ultima, a mais maravilhosa, a mais elevada, a mais per-

feita evolução da natureza, e consequentemente deve ser o ultimo, o mais complexo e o mais difícil problema que se oferece á investigação humana. O estudo prolongado e atento da vida mental na sua união com os movimentos do corpo, tem esclarecido ate certo ponto o misterio que outrora era uma nuvem opaca, suspensa sobre a scienzia que se occupa do espirito humano. Têm-se aventado, e verdade, muitas hypotheses temerarias, mas entre elles ha algumas que são confirmadas pelos factos. Desde que a huma natureza procura a verdade, elas contam-se constantemente na historia da scienzia, muito sistema desatinado, muita teoria erronea, mas ha em tudo isto um fundo de verdade que tem sobrevivido á voragem dos séculos.

Contra a opinião do abade Gaume diz fulio Simon: «Será sempre projecto aos homens estudar e admirar o que o tempo respeitou, porque não respeita senão o que é grande, e o que é verdadeiro». Pode, naõ ser, apropriado, não temos nenhuma applicação actual; mas é útil para sonhar o espirito e elevar os nossos

sentimentos. E por isso que a historia da philosophia é interessante, patenteando a nossa consciencia as phases da evolução do pensamento humano. Os philosophos mysticos, por exemplo, como Pio-tino e outros, renunciavam ao uso dos sentidos, e da razão, querendo receber a verdade imediatamente de Deus como unica fonte legitima. Ricardo de Sant'Victor distingue seis graus na ascensão mystica da alma para Deus, e a contemplação, o extrase mediante a abstinência e a mortificação dos sentidos, o meio para atingir esse fim. Os doutores budhistas admitem quattro graus na contemplação que conduz ao gozo do nirvana terrestre.

O espírito humano tem interpretado a natureza sob o aspecto da especulação religiosa e philosophica, de diversos modos, mas o fundo de todas as formas va-sas é sempre o mesmo, só as formas variam.

Todo o erro no conhecimento sensível, tem origem na interpretação inexacta das sensações. A elaboração dos phenomenos psychicos é um facto muito com-

plexo; a serie das idéas não é linear, uma não é ligada somente a outra, mas a um grande numero d'ellas, em todos os sentidos e em todas as direcções. As percepcões, que se renovam frequentemente, mudam em completo o curso do pensamento. Todas as nossas idéas têm entre si alguma causa de commun, e a elaboração de uma provoca a intervenção d'outras. Toda a idéa é como um ponto onde se cruzam em todos os sentidos os caminhos que conduzem para toda a parte, como um centro de onde o pensamento pode irradiar numa infinitade de direcções.

Sob o ponto de vista physiologico esta teoria pode ser representada por um grande numero de fibras conductoras, que ligam entre si todas as partes do cerebro, permitindo a sensação irradiar em todos os sentidos.

O sistema da excessiva tensão de consciencia, usado no metodo subjectivo, para inquirir dos phenomenos psychicos, dá quasi sempre productos d'uma consciencia inquieta. E como o homem exposto em tortura que dá respostas nas

quaes ninguem se pôde fiar, e dá justamente a resposta que se lhe quiz exquir.

O metodo introspectivo no estudo dos phenomenos psychologicos, fornecido pela consciencia directa e pela consciencia reflectida, se fosse o unico meio de informacao, seria insufficiente para constituir a psychologia como sciencia autonoma e positiva. Ha pois necessidade de recorrer a outros processos de informacao e de verificacao. A sciencia luta sempre em reunir provas demonstrativas da verdade que descobrnu. E conveniente saber se o que se descobriu no mundo do espirito pelo metodo introspectivo é ou não, confirmado pela observacao dos nossos semelhantes, observacao que deve ser feita pelo estudo das religoes, da historia, das linguas, da physiologia, da psychologia comparada, da pathologia mental, da anthropologia, da prehistoria, da jurisprudencia comparada, da ethnologia, etc.

A consciencia é absolutamente individual:

nada ha no mundo tão fechado co-

mo as consciencias, ninguem pode penetrar no foro intimo de outrem; assim a minha consciencia não da conta senão a mim proprio: ora não ha sciencia do individuo. Cada um pôde escrever as suas memorias, publicar auto-biographias, ou fazer as suas Confissões como Santo Agostinho ou J. J. Rousseau, mas isso não pode constituir sciencia, cujas leis devem ter character geral ou universal. A psychologia fundada exclusivamente na observacao individual, seria aceitável, se a natureza do espirito humano fosse a mesma em todos os tempos e em todos os lugares; mas ha pelo menos, entre os homens, certamente, diferenças de grau e, ás vezes tão consideráveis, que equivalem quasi a diferenças de natureza. O espirito humano é por toda a parte idêntico na sua essencia? E uns dos problemas mais difíceis da psychologia é que não pode ser resolvido, serao pelo metodo experimental. O metodo subjectivo exclusivamente usado em psychologia tornaria este ramo de saber puramente descriptivo e enumerativo, character estreito que não constitue sciencia. A psychologia é precisamente uma scienc-

cia, por ter como fim especial explicar a genese de todas as funcções do espírito. A observação subjectiva é incapaz de nos dar informações da vida espiritual da criança, do adulto, indouto, do enfermo de espírito; ministra-nos apenas, geralmente, os productos psychicos d'um indivíduo de raça branca, adulto e civilizado; enquanto que a psychologia experimental comprova em todas as condições a veracidade dos phenomenos de consciencia. Por exemplo: a consciencia acha em nós como elemento essencial da nossa natureza o sentimento da religiosidade e da moralidade; ora a ethnologia encontra sentimentos análogos entre todos os povos, em todos os graus de civilisação e a anthropologia prehistórica descreve nas sepulturas de tracas extintas, vestígios de crenças análogas. São, *verbi gratia*, subsídios interessantes para o psychologo os monumentos megalíticos, o *tumulus*, o *dolmen*, o *chromolech* e o *mehr*. A importancia e o valor d'estes documentos é verificado pela pre-historia viva!

Que maior prova do que a concor-

dância de todos os nossos testemunhos?

Achamos o methodo objectivo util e fecundo, mas elle não nos daria nada privado das relações previas da consciencia. As bases d'uma psychologia verdadeiramente científica, assentam na inseparável união que resulta da observação interna e da externa.

Enganam-se aquelles que pensam que todo o saber científico é produzido só pela experienzia e que esta é o processo único e novo que ha de conduzir à humanidade a *terra da promissão*.

E é inegável que o methodo experimental é a forma mais perfeita e mais segura da investigação científica moderna.

Não é novo, nem nunca poderá ser, unicamente em psychologia; e methodo já desde longa data usado pelos philosophos do mundo antigo. Remontando aos primeiros ensaios do pensamento grego, sente-se que se procura substituir ao método *a priori*, reconhecido impotente, um processo mais seguro para a aquisição do conhecimento. Não é nosso propósito nem cabe nos estreitos limites d'este singelo

escripto uma circunstanciada exposição sobre o uso do método experimental entre os antigos. A respecto d'este assunto acha-se publicado um estudo magistral de Victor Brochard<sup>1</sup>, no qual se prova que o método inductivo foi, em parte, praticado pelos antigos como modernamente o comprehendeu e expoz Stuart Mill.

De todas as sciencias, aquella que menos tem usado do método experimental, tem sido a psychologia, e se alguma vez usou da experientia, foi a experientia ideal, como a ensaiou Condillac na sua *hypothese celebre da estatura animada*. A experientia real, não é absolutamente impraticável ao psychologo, nós observamos a cada passo experimentações feitas pelo homem politico, quando applicadas leis à collectividade, pelo pedagogo, quando ensaiá dados methodos de ensino.

Mas ha experimentações psychicas mais

precisas, feitas em phenomenos espirituais indissoluvelmente ligados com phenomenos psychologicos. Fechner por exemplo, parece ter demonstrado — que a sensação cresce como o logaritmo da excitação — Nós, vulgarmente, observamos factos nôs quaes percebemos dum modo grosseiro que a sensação que nos acorre é menor do que a excitação exterior que la provoca; por exemplo, dez velas accesas não illuminam dez vezes mais do que uma vela, cem choristas não produzem dez vezes maior effeito que quinze choristas. O resultado destas experiências nunca pode ter a precisão das experiencias do mundo phisico-chimico.

As leis que descobre o psychologo, não sendo susceptiveis d'expressões numericas, ficam sempre vagas e pouco determinadas. O que dá valor, por exemplo, á phisica é fixar pelos numeros as relações dos antecedentes e dos consequentes, á chimica, é a analyse quantitativa das substancias. E' por isso que a substancia corporea do homem é melhor conhecida do que a substancia psychica.

<sup>1</sup> Revue philosophique dirigée par Th. Ribot, janvier 1887.

Está já feita a sua analyse qualitativa e quantitativa, podendo afirmar-se que o corpo humano é formado pelas combinações de treze corpos simples, dos quais cinco gázosos e oito sólidos, ou oito metáteas e cinco metaloides e são oxigénio, hidrogénio, azote, clorofórmio, flúor, carbono, phosphoro, enxofre, calcio, potassio, sódio, magnesio e ferro.

D'estes corpos, é o oxigénio o que entra em maior proporção, que sobe a 44 kilogrammas n'un homem que pesa 70, e o ferro é o que representa a proporção mínima, que não excede 45 grammas n'aquelle peso de 70 kilos.

Ainda que os phenomenos de consciencia não possam subjetar-se no laboratorio a uma analyse palpável, como um gaz ou um líquido, não deixam por isso de ser susceptíveis d'uma verificação segura e d'uma demonstração rigorosamente científica. O que tem, até certo ponto, desacreditado a psychologia é a pretensão dos psychologos metaphysicos em quererem conhecer as causas em si. O phisico já não estuda o que é a matéria em si, contenta-se em procurar as

sus propriedades e investigar as leis dos phenomenos. O psychologo moderno também já não pretende conhecer a alma em si; faz a analyse das sensações, das ideias, de todos os factos da consciencia, procurando descrevê-los, classificá-los, analyser a sua origem, encontrar as leis do seu aparecimento, da sua coexistência, da sua sucessão; eis propriamente o objecto da psychologia, considerada como sciencia positiva. Este novo modo de ver não exclue a existência de noções irredutíveis e a legitimidade da sua especulação, mas parece-nos que esse campo de actividade mental é um ramo de saber de domínio extra-scientífico.

O homem de sciencia, limita-se a procurar a causa como sendo a accão que produz o phemoneno e a investigar a condição, que é um estado sem o qual o phemoneno não podia ser produzido.

Neste campo de positividade científica, há ainda assim uma enorme dificuldade em descobrir as leis dos phenomenos, e esta dificuldade provém de, entre uma multidão de relações de simples succes-

são, extremar uma que é a relação da causalidade.

A psychologia científica deve ocupar-se dos phenomenos de consciência, tendo como apoio a observação interna e como documento verificador as accções dos individuos em todas as condições da sua existencia. Ha quem entenda que não pode ser estudada a psychologia sem o socorro da metaphysica;<sup>1</sup> é problema porém controverso para cuja solução ainda está longe de ser dada a ultima palavra.

A sciencia do espírito está assim distante do estado de incremento que era de desejar, mas os esboços geraes estão delineados, e os progressos realizados há poucos annos a esta parte; dão nos segura esperanca de que ella sera em breve uma sciencia mais interessante que qualquer das outras, e tão precisa como elas. E' o metodo experimental ou obje-

<sup>1</sup> La Metaphysique et ses rapports avec les autres sciences par Th. Desautels.

<sup>2</sup> Spiritilisme et Materialisme par Paul Ribot.

ctivo que tem feito a renovacão dos estudos do mundo psychologico: Stuart Mill, Littré, Maudsley, Bain, Wundt, Th. Ribot, Taine, Spencer e Dumont, etc., em nome desse metodo, fizeram d'estes estudos uma das sciencias mais formosas de nosso seculo.

O criticismo hodierno reconhece contruído o empirismo, depois de haver feito a demonstração, que a base do metodo induktivo é uma condicionalidade do pensamento que antecede toda a experiecia.

No estudo dos phenomenos psychologicos observou-se que a consciencia é o veradeiro Santuario da vida mental. Princípio é centro dessa substancia imediata e inacessivel que se denominou espírito. Ha quem pretenda, como o positivismo frances, absorver a psychologia na physiologia, desconhecendo que as duas ordens de funções estão a muitos respeitos numa opposição radical, comendo pela sua propria natureza. As funções organicas são pura e simplesmente movimentos do organismo dum mate-

a circulação são completamente conhecidas e definidas, o que não sucede ao pensamento ou ao sentimento. Pode dizer-se também que o pensamento é uma resultante dos movimentos cerebrais; porém a mais minuciosa analyse não pôde dizer-nos o que há comum entre um movimento e um pensamento. O estudo mais profundo da natureza humana ainda não conseguiu colher razões para demonstrar que os phenomenos conscientes são reductíveis a phenomenos mecanicos ou materiais. De la Mettrie, Moleschott, Büchner, como o mostra Lange na *Historia do materialismo*, nunca chegaram a aclarar este ponto. O conhecimento completo do cérebro em movimento não nos daria um conhecimento completo d'esta função. E' assim que o conhecimento mais perfeito das funções do aparelho do ouvido ou da vista não poderia dar ao surdo a idea do som, a cego a idea da côr. O physiologista limita-se a registar que a impressão produz a vibração molecular que vai ao encéphalo, onde se divide em novas correntes secundarias, indo d'umas células ás outras,

tras pelas fibras que as ligam. Pode avançar hypotheses mais ou menos engenhosas, mas não nos dá doutrinas seguras. As funções physiologicas podem localizar-se, como por exemplo a secreção das bilis; ao contrario os phenomenos psychologicos, não ocupando nenhuma posição no espaço, não podem localizarse. Affirma-se a localização cerebral de diversas funcções psychologicas: assim Paulo Broca localisou a funcção da linguagem na terceira circumvolução frontal do hemisphério esquerdo do cérebro, mas o que realmente localisou foram as accões physiologicas que são condição de funções mentais, mas não as próprias funções mentais.

A existencia do espírito é incontestável; toda a vida psychica é como um círculo: na circumferência estão os objectos, no centro o sujeito. Ha a mais profunda e radical diferença entre o espírito e a matéria: o espírito é activo e dotado de energia, a matéria é passiva, sofre a ação das forças.

Observamos pensamentos, sentimentos, phenomenos volitivos pela conscién-

cia, estes phenomenos constituem um mundo á parte e a sciencia que se ocupa d'elles deve ser diferente de todas as outras. Temos d'elles conhecimento imediatamente, enquanto que dos objectos exteriores só por meio dos sentidos. Basta concentrar a atenção em nós proprios para demonstrar que os phenomenos psychologicos, prazeres ou dores, ideas ou resoluções se impõem á consciencia como inacessiveis a toda a duvida. O estudo mais minudencioso d'anatomia cerebral e da physiologia do sistema nervoso, não accrescenta nada ao conhecimento intimo d'estes phenomenos. Enganam-se aquelles que, fechando o livro da consciencia, querem reduzir a psychologia a uma questão d'estatistica, a uma questão d'estudo dos annaes da historia, ou á collecção de indicações fornecidas pelos viajantes.

E', evidente que estes dados fornecidos pelo metodo experimental são preciosos para o completo estudo da alma humana nas suas tres grandes syntheses — affectiva, especulativa e activa; mas estes elementos não suprem de modo

nenhum os products da observação introspectiva.

São estas as duas grandes escolas a que podem reduzir-se, sob o ponto de vista do methodo, todos os estudos da psychologia contemporanea — introspectiva e experimental: áquelle pertence mais conhecer a intuição das coisas, á esta a investigação das leis. Ha no espirito duas partes absolutamente distintas, uma os factos, parte contingente, outra as leis necessarias e universais. A escola phenomenista inglesa pretende conhecer estas leis, como geradas no espirito *a posteriori*, as suas pretensas demonstrações, ainda as mais engenhosas, fundam-se sempre num alegorico principio. Para o empirismo, o espirito é um foco de convergência, onde se concentram os raios emanados do mundo exterior.

Não se demonstram os principios, porque principio quer dizer começo, e não ha principio annel num alegoria illimitada. E' verdade que a analyse mesmo no estudo dos principios rationaes pode receber uma verificação synthetica, e a syn-

these uma verificação analytica, mas na explicação positiva de tais idéas tudo isto redundava numa petição de princípio.

Alexandre Baine, que com a sua escola explica quasi todos os phenomenos psychologicos pela teoria da associação, e forçado a reconhecer a existencia d'instinctos irreductiveis á lei do hábito.

No decurso d'estes ensaios já temos mostrado a relação estreita e íntima que existe entre a vida psychica e a vida somática, sem todavia esquecermos que ha uma distinção profunda e nítida, entre os factos physiologicos revelados pelos sentidos e os factos psychologicos revelados pela consciencia. Hoje continuamos a provar a constância d'esta harmonia no desenvolvimento da sua coexistencia considerada sob diversos aspectos. Ninguem duvida que a actividade mental é incapaz de exercer-se sem o concurso da percepção exterior, cujos elementos elabora e coordena. O influxo mutuo da vida phisica e moral do homem manifesta-se debaixo de formas

diferentes, produzindo efeitos muito variados segundo os sexos, a hereditariedade, a idiosyncrasia e os diversos períodos da idade.

Segundo as observações physiologicas quotidianamente repetidas, está provado que existe uma correspondência íntima entre os diferentes estados e operações do espírito, e entre os órgãos da vida corporea, e que as diversas modificações nos graus de evolução noológica andam sempre a par com as mudanças no organismo, provando assim que entre a vida psychica e somática ha estreitas relações de união, de dependencia e de similitude. Apesar d'esta influencia reciproca, não pode dizer-se que o espirito sofre escravizado, passivamente, todas as vicissitudes do corpo; observase muitas vezes d'um modo grosseiro que uma compreição physicamente débil e fraca, aloja uma alma vigorosa e robusta, encontrando-se também ao contrário, outras vezes uma alma de lodo num temperamento de ferro.

Alguns philosophos, querendo levantar

a ponta do véu impenetrável que cobre

o misterio das relações intimas entre o espirito e o organismo, apresentaram as hypotheses que vemos enumerar, as quaes provam a impotencia dos systemas que n'ellas se fundam para resolver o problema das relações do espirito e do corpo; os sensualistas pretendem achar a explicação na celebre theoria do *infusio physico*; Condorcet e Le Clerc na theoria do *mediador* plastico; Descartes e Malebranche na *assistencia ou causas occasio-  
nales*; Leibnitz na *harmonia presta-  
bilis*. A ultima é a mais engenhosa de todas, a da *harmonia prestatilis*, que modernamente tem sido quasi reproduzida sob o nome de *teoria do parallelismo*, ou de correspondencia entre a alma e o corpo.

Esta idéa de parallelismo é contraditória e mesmo exclusiva da idéa de causalidade. Na ordem dos phenomenos to-diz a causa é um antecedente. Ora quem diz causalidade diz successão, ao contrario quem diz parallelismo diz simultaneidade. Estas duas idéas, de causalidade e de parallelismo excluem-se reciprocamente. Leibnitz, consequente consigo mes-

mo, admittindo a correspondencia perfeita e absoluta da alma e do corpo, negou absolutamente a causalidade d'uma destas substancias com referencia á outra; para elle tudo se passava nos corpos como se não houvesse almas, e nas almas como se não houvesse corpos. N'esta theoria, as duas ordens de phenomenos physiologicos e psychicos, formam duas series juxtapostas, sem nem huma reciprocidade, á semelhança de dois relojes perfeitamente regulados, que trabalham em harmonias, marcando a mesma hora, sem comunicarem contudo entre si o movimento. Esta theoria implica a antiquilhão e a utilidade do pensamento. Quando falo, quando escrevo, por exemplo, o meu pensamento, segundo esta theoria, não intervém para nada nas palavras que pronuncio ou escrevo: escrever e falar são, effectivamente, actos physicos que se executam a em virtude de impulsões, physicas, originadas no cerebro e não na consciencia. Tudo é mecanismo, tudo é automatismo? Esta theoria é invencivel porque destrue o poder da iniciativa do pensamento.

Hoje, segundo Wundt, são estreis e inaceitáveis as hypotheses metaphysicas a que, já nos referimos, porque são de tal modo contradictórias com a experien- cia psychologica, que n'ningem pôde pen- sar em utilisa-las. Modernamente, em scienzia, não se pôde compreender a natureza psychica, isolada das condições vitaes, porque a psychologia está ligada ás leis da vida, e ao seu mechanismo. Wundt faz a critica dos tres sistemas philosophicos: materialismo, espiritualis- mo e animismo, e affirma que . . . «é preciso não desconhecer que, quando se trata de ligar os phenomenos da consciencia aos phenomenos biologicos ge-

1. Esta palavra, *animismo*, não tem aqui o sentido ethnico-psychologico que lhe dá Taylor na sua obra a *Civilization primitive*. Para Wundt — animismo — significa: a concepção metaphysical, originada na orientaçao científica de que os phenomenos noologicos estão n'uma connexação intima, absoluta, com os phenomenos biologicos, é claro, considerada a alma como principio da biologie, W. Wundt, *Elements de psychologie physique*, pag. 500.

raes, o animismo é mais conforme aos factos da experiençia, os quaes são desprezados pelas outras concepções.<sup>41</sup> Na explicação d'estes phenomenos todos os systemas ficem naufragado; Wundt ocupa-se mais da phenomenonologia psychica elementar, do que das manifestações elevadas do pensamento, e faz isso porque reconhece com admiravel senso scientifico, que só os factos elementares das faculdades inferiores se prestam à investigações experimentais. Fechner, mais atrejado que Wundt, pretendeu na Psycho-physica descobrir uma theoria exactas das relações entre a alma e o corpo; mas tal pretensão por hora não passa d'uma hypothese engenhosa e sedutora. A velha metaphysica desesperava da resolução d'este problema; Herbart e os seus discípulos Vaitz, Lazarus e Steinthal encaram a solução sob outro aspecto, e hoje a escola psychologica de Leipzig tem prosseguido vantajosamente n'um caminho analogo.

<sup>1</sup> Esta palavra *animismo*, não tem aqui o sentido étnico-psychológico que lhe dá Taylor na sua obra a *Civilização primitiva*. Para Wundt — animismo — significa: a concepção metaphísica, originada na crença científica de que os fenômenos noológicos estão n'uma conexão íntima, absoluta, com os fenômenos biológicos, é claro, considerada a alma como princípio da vida. V. Wundt, *Elements de psychologie physiologique*, pag. 599.

I Sd.18. pag. 511,

«O único caminho, diz Lange, a conduzir-nos seguramente além do exclusivismo materialista apoiar-se sobre as próprias consequências d'este sistema. Supponhamos pois que existe "no corpo" um mecanismo physisco que produz as condições do entendimento e dos sentidos, n'este caso estaremos imediatamente em face das seguintes perguntas: O que é o corpo? O que é a matéria? O que é a physisca? E a physiologia actual, bem como a philosophia serão levadas a responder a tais perguntas. Tudo isto são apenas representações, representações necessárias, representações resultantes das leis da natureza. Mas em qualquer dos casos, não são mais do que as coisas em si mesmas.»

A concepção lógicamente materialista funda-se por essa mesma razão em concepção lógicamente idealista. Não se pode admitir um abismo entre si, mas um mundo que nos convida a ir além. Falta examinar-se e veremos que o mundo dos fenômenos deixa de lado as coisas determinantes, como o queria por exemplo Kant, que não via no tempo e no espaço, senão formas de concepção puramente humana; ou se é permitido pensar que pelo

ainda mesmo para o mecanismo do pensamento, e de não descansar sem as ter encontrado. Temos regularmente o direito de considerar não só o mundo exterior que em nós se manifesta, mas também os órgãos com que nós o percebemos, como simples imagens do que realmente existe. Os olhos com que nós julgamos ver, não passam d'um produto da nossa representação. E quando pensamos que as nossas imagens visuais são provocadas pela estructura do olho, não devemos nunca esquecer que o proprio olho com toda a sua estructura, o nervo óptico, o cérebro, e todas as disposições que nós ainda pudessemos descobrir n'el, como causas do pensamento, naõ são mais do que representações que formam, exatamente, um mundo em que todas as partes se ligam entre si, mas um mundo que nos convida a ir além. Falta examinar-se e veremos que o mundo dos phänomēnos deixa de lado as coisas determinantes, como o queria por exemplo Kant, que não via no tempo e no espaço, senão formas de concepção puramente humana;

menos a matéria com o seu movimento existe objectivamente e constitui à base de todos os outros fenómenos? seja qual for a diferença entre estes fenómenos e as formações das coisas. Sem a objectividade do tempo e do espaço, não se poderia imaginar coisa alguma semelhante à matéria e ao movimento. O ultimo recurso do materialismo consiste pois em sustentar que a coordenação no tempo e no espaço pertence às coisas em si.<sup>1</sup>

O problema da alma nas suas relações com os factos physiologicos tem uma lada metaphysico e outro positivamente psychologico; Th. Ribot no seu famoso livro *La Psychologie allemande contemporaine* prega uma cruzada contra a filosofia classica, declarando que nenhuma reforma é eficaz, contra o que é radicalmente falso, e que a antiga psychologia é uma concepção basterda que deve morrer pelas suas contradições.

que encerra em si. Chama vaga e banal a formula consagrada «relações da alma e do corpo», crê arbitria e estéril a hipótese de duas substâncias actuando uma sobre a outra, coisas que segundo a sua opinião seria mais exacto denominar um único phénomeno de duplo aspecto. As ideias de Th. Ribot ligam-se por um lado aos *sensualistas*, e por outro aos *nomenistas* ingleses.<sup>2</sup>

As contentes de carácter positivo, na psychologia moderna, renunciam á espe-  
ranga de penetrar na essencia da mate-  
ria e na natureza intima da vida, e do  
pensamento, q. ontem se considerava.  
Todas as hipóteses imaginadas para  
dar a explicação da accão reciproca dos  
phenomenos psychicos e physiologicos:  
nem sido, inexactas, poucas satisfactorias,  
mas a curiosidade do espirito humano ainda não renuncia a esta preten-  
sao.

<sup>1</sup> História do materialismo, t. II, pag. 459, par  
Lange.

<sup>2</sup> Nos sistemas contemporaneos um certo idealismo esforça-se por tudo reduzir ao pensamento puro e simples. Este idealismo faz do pensamento o único poder e a única realidade existente, mas obtri-

na-se em ver no pensamento só o facto da representação zoologica sem o ligar a um principio real e persistente; é o *phenomenismo*, que não reconhece a ideia da causa nem a da substancia.

A hypothese materialista afirma francamente que é o corpo que pensa sem mesmo nos explicar o que é a materia. Para esta escola todas as operações psychicas se reduzem a uma serie de movimentos mecanicamente encadeados, todos da mesma natureza, representaveis no espaço e perceptiveis pelos sentidos. Por exemplo, um determinado som fere o meu ouvido, com elle concebo uma idea, construo um raciocinio, experimento uma emocio, tomo uma deliberacao, e em tudo isto não ha outra causa senão a vibração ouvida.

D'um lado são movimentos, do outro um phenomeno de percepção interna e, nas condições actuaes da sciencia, estas duas especies de factos são irreductíveis.

O professor J. Luys entende que toda a vida zoologica se encerra nas propriades fundamentaes dos elementos ner-

vosos considerados como unidades histologicas vivas, e pretende provar que estas propriades sao os elementos geradores de todas as actividades da vida cerebral, podendo mesmo ser reduzidas a tres formaes principaes : — a sensibilidade em virtude da qual a cellula cerebral entra em conflicto com o meio ambiente; — a phosphorecencia organica que lhe dá a propriedade de armazenarem suje de never as vibracões sensorias que primeiro a incitaram; — o automatismo que não é mais do que a aptidão que possue a cellula nervosa de reagir em presença do meio ambiente, sempre que tenha sido impressionada por elle. Esta teoria é uma imaginosa concepcion metaphysica com terminologia nova.

O patheismo reconhece, contra a opiniao dos materialistas, que, na multiplicidade infinita de elementos, ha um principio de unidade directriz e eterna, comun a todos os seres. Este sistema, ao menos explica a unidade continua dos factos de consciencia, o que elle não pôde todavia explicar, é a separação autonoma das consciencias individuaes.

A metaphysica espiritualista francesa contemporanea, pretende ser um termo medio entre o materialismo e o pantheismo, vendo no espirito um principio de unidade que subordina a todos os factos psychologicos, e que seja centro d'acção distinto, não se confundindo nem com a substancia unica e universal, nem com a multiplicidade (móvel, incessante) e indefinida da materia.

Uma teoria que enche de esperanças os physiologistas que se dedicam à psychiatria e ás doenças nervosas é a teoria das localizações cerebrais.

Não podem os espíritos de seguro criterio deixar de reconhecer, no entanto, que é difficulto achar, entre os symptomas muitos a que dão lugar as lesões do encephalo, como por exemplo o delirio, que, segundo Jaccoud, exprime uma desordem geral de enervação encephalica, qual a região tópographica sede da lesão, e se esta é a legitima causa profunda, ou se foi originada por irradiação a distancia.

As observações, por ora, levam a admitir mui timidamente um pequeno nu-

mero de localizações parciais e restritas, e os propugnadores desta seductora teoria ainda não responderam dum modo triumphante ás objecções capitais de Vulpian e de Brown Sequard. Este ramo de physiologia mental está ainda na infancia, vive apenas da discussão nascida das diferentes observações.

Há quem suponha que a teoria das localizações cerebrais, tem lançado uma luz inesperada, na solução do problema das relações da alma com o corpo; taes hipóteses porém são muito controversas. «Com respeito ás faculdades mais elevadas do espirito», diz Loize, «vimos que elles no seu exercicio proprio não tem necessidade do auxilio das funções physiologicas, mas nem por isso deixam de estar sob a mediatia dependencia de diversos orgãos corporeos, que de varias maneiras preparam e conservam os materiais sobre que se exercem essas faculdades. Para elles não ha já orgão particular, mas dependem em terceiro logar das proporções que existem entre a grandeza, a força e o vigor d'estes outros orgãos. Emfim o maior desenvolvimento

da vida espiritual depende em grande parte da ligação, da diversidade e da energia das excitações que actuam sobre a constituição do órgão central, quer pelo desenvolvimento da vida psychica, quer no curso da vida do corpo.

Estas funcções do espírito, estão longe de ter um orgão determinado, e só dependem em quanto logar do rythmo, segundo o qual todos os elementos normaes ou anormaes da vida se entrecruzam.

Todas estas diversas combinações dos impulsos corpóreos, de que o desenvolvimento da vida espiritual depende, tem mais ou menos ocupado a sciencia, e nós teremos para deante varias vezes occasião de examinar as teorias que originaram.

Nestes ultimos tempos, a phrenologia ou cranioscopia<sup>1</sup> deu brilho, mas de modo

demasiadamente exclusivo, a uma das teorias de que já fallámos, isto é, que a união do corpo e da alma se realiza, em geral, mercé d'orgãos particulares especiais a cada uma das funcções psychologicas. Já alguém reprovou com muita razão a esta doutrina, o fazer muito pequena diferença entre as funcções simples e as faculdades derivadas do espírito: as primeiras, podem muito bem ter a sua razão de ser na organização, mas as outras, não se formam nem se desenvolvem sucessivamente na alma senão em virtude de circunstâncias exteriores, e de um numero infinito de influencias mediarias. Da mesma maneira a distinção ainda não é bem suspeita, entre o que, em cada modo da actividade espiritual, deve ser referido à natureza específica da alma, e essas formas acidentais de manifestação, que só ao deante se produzem em relação a um certo numero de objectos e ao acaso da vida. Quanto á vivacidade das impressões, quanto á força e á promptidão das operações em geral, é permitido admitir uma predisposição corporea que se não pode procurar n'um só orgão, que

<sup>1</sup> As profundas objecções de Hermann Lotze não tem hoje inteiro cabimento contra a teoria contemporânea das localizações cerebrais. Igualmente sucede com a lucida argumentação de Paul Janet contra a phrenologia no seu livro *Le cerveau et la pensée*.

consiste antes n'uma proporção das forças, n'um certo rythmo das actividades corpóreas. E' possível que as circumstâncias da vida e o seu sucessivo desenvolvimento, ou de quaesquer influencias mais próximas das physiologicas, façam brotar d'esta tendência geral uma disposição para a残酷de e para o assassinio.

Todavia, um órgão especialmente destinado a estas paixões, será para nós uma hypothese inadmissivel: é como se a Pathologia, em logar d'uma disposição para as convulsões ou para a tísica, atribuisse ao corpo um órgão especial das convulsões ou da tísica. Enquanto a phrenologia se obstinar em ver nas circunvoluções do cerebro, órgãos imediatos das funcções do espírito, esta deplorável confusão entre as faculdades simples, elementares e os resultados das mais obscuras condições do desenvolvimento, será um obstáculo aos seus progressos. Aliás é facil demonstrar que esta hypothese dos órgãos particulares localizados no cerebro, por mais que custe conceber como estas partes distintas estão contudo ligadas entre si, em vez de simplificar,

tornaria mais difícil a explicação das funcções espirituais. Admitramos um orgão da vontade ou da energia: sabemos que uma vontade pura ou uma energia pura não se exercem nua: quer-se sempre alguma cousa, é preciso sempre um certo pensamento, certas idéas. Por outro lado, o cuidado de produzir este pensamento ou estas idéias pertence a outro orgão. Supponhamos que este haja completado a sua função, e que falta ainda provocar a vontade: ou este querer deve estar já manifestado pelo órgão intelectivo, ou o pensamento produzido deve transportar-se para o orgão da vontade, afim de n'ele determinar o querer, porque este não pode produzir-se senão em relação a tal ou tal ideia. Na primeira hypothese o orgão da vontade desempenha de certo modo o papel de escala de harmonia, que aumenta a tendencia da vontade já manifestada no orgão da intelligença, e lhe dá a energia necessaria, quando ella não passava talvez de uma diferencial de grandeza. Na segunda hypothese, se o orgão da vontade podes uma só vez, para que o querer se exerça, ad-

mittir em si a reflexão como tal, a reflexão feita pelo órgão inteligente, então não se percebe para que sirva o órgão da inteligência: as suas funções repartem-se iam entre o órgão da vontade e os órgãos exteriores dos sentidos, que provocam a reflexão.<sup>1</sup>

A psychopathia, com o carácter científico moderno, fornece dados interessantes para a solução do misterioso problema das localizações cerebrais. Na *paralysie general*, por exemplo, uma das formas nosologicas mais importantes da loucura orgânica, observa-se que as formas delirantes revestem três aspectos diversos: o expansivo, o depressivo e o circular. O delírio expansivo na *paralysie générale* é caracterizado sempre pelo predominio de *idéas de grandeza*, seja qual for a idade, o grau de instrução, as condições mesologicas em que o doente tenha vivido. Durante o delírio ouve-se a cada instante a palavra *milhões*, o doente julga-se na

escala sociologica o mais poderoso potenteado da terra. Este delírio distingue-se da megalomania orgânica em não ser methodico nem lucido, mas, pelo contrario, infantil e inconsequente. A estes symptomas psychicos da paralysie geral correspondem, ainda que sem exacta determinação topographica mas invariavelmente, lesões somáticas, reveladas pela anatomia patologica do cérebro, entre outras o engrossamento da aracnoidea, da duramater, e por adhärenças d'esta membrana às paredes crânicas, o amolecimento da substancia nervosa cerebral, etc., como pode ver-se nas obras dos celebres alienistas, Auguste Vöisin, Christian, Ball, Charcot, etc. Se este phänomeno da paralysie geral é favorável á teoria das localizações cerebrais, assim como a descoberta do pé da terceira circumvolução frontal esquerda por Paulo Broca,<sup>4</sup> há também em desfavor as multiplices formas de loucuras vesanicas, que não são na maior parte acompanhadas de lesões no cérebro.

<sup>1</sup> *Psychologie physiologique*, pag. 102, par H. Lotze, traduit par A. Penjon.

<sup>4</sup> Vide capítulo sobre linguagem.

Um enfermo pôde ser atacado de vesanias com delírios generalizados ou parciais, com o delírio de perseguições, a hypomania, a erotica, a demonomania, a dipsomania, etc., sem no cérebro a etiologia somática nos dizer nada a respeito de tais fenômenos de patologia mental. Pôde haver n'este caso, rejeitando as concepções *a priori*, um doente profundamente afeitado de espírito com o seu cérebro perfeitamente são. Os propugnadores das localizações cerebrais defendem-se, dizendo que essa ignorância é devida ao arrazo em que se acha o estudo estático e dinâmico do cérebro, o que na verdade constitue um argumento, mas nunca uma razão convincente. O eminentе physiologista Brown Sequard, um dos mais autorizados adversários da teoria das localizações cerebrais, sustenta que as células não estão encarregadas de uma função definida exclusiva, mas que estão ligadas entre si de modo a haver solidariedade na sua função. Um facto curioso encontrou elle na autopsia de um doente que havia tratado: um lobulo cerebral inteiramente destruído, sem ter

durante a vida esse doente sofrido senão umas amaurosis e umas cephalalgias, que nunca perturbaram a sua integridade neurologica e equilíbrio mental. Apesar da eloquencia d'estes factos, a teoria tem illustres defensores. Amidon pretendeu, com excellentе exito, demonstrar a existencia de localizações motrizes corticaes, collocando thermometros de reservatorio achatado muito sensíveis, em torno da cabeça, ligando-os com ataduras de caoutchouc, más conductoras, e fazendo em seguida mover por bastante tempo um membro, viu que augmentara a temperatura na região correspondente ao centro nervoso, sede da função. Este facto é confirmado, com referencia às localizações motrizes, por inumeras experiências em animais, mas da simplicidade de relativa dos phenomenos motrizes não pôde inferir-se a adhesão do nosso espirito a tal teoria, com relação aos complexos phenomenos psychicos.

No entanto é mister notar que a teoria das localizações cerebrais é uma hypothesis fecunda, indubitablemente científica, e não deve nunca ser confundida

com a phantastica phrenologia de Gall. Os argumentos que desacreditaram essa hypothese imaginosa e grosseira, que no entanto teve a virtude de chamar a atenção para este assumpto, não servem para combater e pôr de parte a auspiciosa theoría científica das localisações cerebraes. A experiençia, não desmente já hoje, até certo ponto, esta concepcion, como era a cada passo desmentida a phrenologia de Gall.

A anatomia pathologica revela-nos alguma cousa sobre localizações cerebraes em face de lesões encontradas na autopsia de alguns alienados. Ha formas nosologicas de paralysia e de anæsthesia, cujo factor etiologico é vagamente conhecido. A *hemiplegia* é devida a hemorrágia cerebral acompanhada quasi sempre de perturbações psychicas. A *paraplegia* é devida á *myelite* aguda ou chronicá. Na loucura epileptica, na demencia e na paralysia geral, ou antes ataxia psychomotoria, encontram-se muitas vezes *músculos de ossificação na dura mater*.<sup>4</sup>

Muitas outras psychopathias tem ainda a sua etiologia em lesões das meninges.

As anomalias craneanas e as lesões morfológicas no cérebro são frequentes nas loucuras congenitas, como a idiota e parece que em algumas formas vesanicas, posto que n'estas há muitas a cuja alteração psychica não corresponde nem numa lesão somática especial. Os anatomicistas pathologicos, para muitas doenças mentais, assinalam já certas lesões marcando a topographia do territorio, na massa encefálica, nas visceras, e outras na névrogia.

O psychólogo não pode esquecer que o objecto da sua sciença está condicionado pela vida physiologica, que é rios hemivoides cerebraes onde se coordenam as impressões, se formam as idéas, e se elabora o pensamento, por isso grande deve ser a sua atenção para o estudo destes factos.

<sup>4</sup>Dagonet:Nouveau traité des maladies mentales.